



No lugar das coisas

Luis Mota Figueira*

(Professor Coordenador do Instituto Politécnico de Tomar – Diretor Técnico do Museu Agrícola de Riachos)

Equilíbrio e Vidas

As nossas vidas, balizadas entre o exercício do livre-arbítrio e as convenções sociais, decorrem sob tensão permanente nos nossos atos. A aplicação da nossa energia atende às possibilidades e aos limites que cada situação nos impõe. Assim, se a vontade é movida pelo desejo de se ser e de se ter, pelo ânimo no que fazemos, pela determinação com que tentamos mudar o mundo à nossa volta (e o começo das grandes mudanças também se nota no que cada um de nós está disposto a mudar...) e, afinal, se o interesse no desempenho de uma vida que nos exige esforço constante possibilita revermos-nos nos outros então a procura constante do equilíbrio possível faz sentido. A produtividade registada através do rendimento da sociedade, medindo a eficiência do trabalho da Nação é central numa sociedade em que o lucro é bem mais urgente que o equilíbrio gerado pelas ações produtivas. Estrutturamos organizações

públicas e privadas, cujas visões se centram em missões que, em princípio tentam criar eficácia no uso dos recursos naturais e nas componentes culturais suscitando pontes entre públicos e privados. Este modelo é económica e socialmente ajustado à política pública da União Europeia e de Portugal sob doutrina das Nações Unidas. A procura do tal equilíbrio, ou seja, da melhor proporção harmoniosa entre as diversas partes do nosso sistema social e económico, estejamos a favor ou contra medidas públicas e sua execução, é o argumento destas instituições. Nele, tem pleno cabimento invocar-se a ligação entre a Natureza e a Cultura, esgrimindo-se argumentos e tomando-se decisões. As paisagens naturais (as que a natureza nos ofereceu e oferece, embora sofrendo ataques brutais apesar dos esforços para se aplicar o conceito de sustentabilidade ambiental, social, económica) e as paisagens

culturais (as que os seres humanos vão contruindo ao longo da caminhada civilizacional) refletem a prática pura e dura da noção de equilíbrio. Todavia, conflitos armados, liberdade dos povos à sua autodeterminação, direitos de género e de orientação sexual, práticas solidárias de inclusão social e de luta contra a discriminação das pessoas, mudanças climáticas e guerras sob afirmações de hegemonia pela capacidade de declarar guerra de uns países a outros países, carecem, todas elas, de uma nova era de participação cidadã. As democracias estão em perigo e os valores do Estado denunciam fragmentação. Precisamos insistir em trabalho colaborativo. A propósito, a Reserva da Biosfera do Paul do Boquilobo, dos Concelhos de Torres Novas e de Golegã, cogerida com o ICNF e a ONGATEJO e demais parceiros Académicos, Associativos, Empresariais e Fundacionais (Fundação José Saramago, sedeada

“

As democracias estão em perigo e os valores do Estado denunciam fragmentação. Precisamos insistir em trabalho colaborativo.

em Lisboa e sua delegação em Azinhaga) comemorou no dia 24 os 42 anos. A Fundação José Saramago participou com a Conferência de encerramento na Azinhaga. Na preparação da comunicação da Equipa OPEXCATER, apresentada sob o tema “*Observatório-Parque Experimental de Conhecimento e Ação Territorial - Reserva da Biosfera do Paul do Boquilobo*” o nosso Nobel da Literatura deu-nos uma ajuda preciosa. Havíamos lido em <https://www.josesaramago.org/> esta frase:

“Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra e a iniciativa. Com a mesma veemência e a mesma força com que reivindicarmos os nossos direitos, reivindicamos também o dever dos nossos deveres.” Organizarmos as nossas vidas com o equilíbrio possível também passa por esta ideia e pelas práticas simultâneas e consequentes de reivindicação e participação? Para mim é clara esta necessidade: sem essa ação a relação está desequilibrada. Ou não?